



Ministério das Relações Exteriores



MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES

ENDEREÇOS PERGUNTAS FREQUENTES MAPA DO SÍTIO

EN

Política Externa O Ministério O Brasil Imprensa Eventos Serviço Consular Promoção Comercial Li

RESENHA DE IMPRENSA NACIONAL

PROCURA

## Noticiário - Seleção Diária de Notícias Nacionais 16/Maio/2007

### Correio Braziliense

**Assunto:** Brasil

**Título:** 1a Ao encontro dos fiéis

**Data:** 06/05/2007

**Crédito:** Ullisses Campbell, Da equipe do Correio

Ullisses Campbell, Da equipe do Correio

Igreja Católica vive a expectativa de resgatar parte do rebanho que migrou para outras religiões, principalmente a evangélica, na visita de Bento XVI. Maior desafio é conseguir formar novos padres

A vinda do papa Bento XVI ao Brasil não ficará restrita a uma agenda de missas e à canonização do primeiro santo nascido no país. A Igreja Católica vê na presença do sumo pontífice uma estratégia para enfrentar o maior desafio da instituição: recuperar os fiéis que migraram para outras religiões ao longo dos últimos anos. Apesar de recente pesquisa da Fundação Getúlio Vargas (FGV) mostrar que houve uma redução na migração de católicos para outras religiões, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) ainda está preocupada. Um estudo encomendado no ano passado pela entidade revela que, nos últimos 10 anos, 15,2 milhões de fiéis trocaram a missa do padre pelo culto evangélico em todo país. A visita do papa ao Brasil, na avaliação de especialistas, é fundamental para recuperar as ovelhas desgarradas.

A pesquisa da CNBB aponta que 52% dos fiéis que saíram da Igreja Católica e migraram para a Igreja Universal do Reino de Deus e para a Assembléia de Deus, duas das agremiações evangélicas com maior penetração do país. Segundo o professor de história da religião da Pontifícia Universidade Católica (PUC) Paulo Fernando Carneiro, a fuga de católicos para outras religiões pode ser resumida em um único motivo: com o passar do tempo, os padres se distanciaram dos fiéis. "Tem paróquia que o padre só atende com hora marcada. Já o pastor, toma café na casa dos fiéis e convida as pessoas para acompanharem os cultos", compara.

Para vencer o desafio de reconquistar os fiéis que mudaram de religião, a Igreja Católica terá que enfrentar outro problema crucial, principalmente no interior da Amazônia e do Nordeste: a falta de padres. Pelo menos 1,2 mil igrejas estão sem sacerdote para rezar missas e realizar batizados em todo o país. Trinta por cento das igrejas sem sacerdote estão em lugares distantes da Região Norte.

### Notícias mais recentes

- A Tarde
- Agência Brasil
- Agência de Notícias Brasil-Árabe
- Carta Capital
- Correio Braziliense
- Época
- Estado de Minas
- Folha de São Paulo
- Gazeta Mercantil
- Isto é
- Isto é Dinheiro
- Jornal de Brasília
- Jornal do Brasil
- Jornal do Commercio
- Jornal do Commercio
- O Estado de São Paulo
- O Globo
- Outros - nacional
- Reuters
- Valor Econômico
- Veja
- Zero Hora

Versão para impressão

Como não se forma um padre do dia para a noite, o problema não pode ser resolvido a curto prazo. É justamente nessas regiões mais distantes que os pastores evangélicos avançam e ganham terreno. "Nos lugares mais ermos, os pastores atuam fazendo promessas de cura de toda ordem, inclusive de problemas de saúde e financeiro. A Igreja Católica não atua assim", critica o presidente da CNBB, dom Geraldo Majella Agnelo.

#### Disputa

Para o professor de teologia da Universidade de Campinas (Unicamp), Ronaldo Menezes, a visita do papa ao Brasil vai resgatar parte dos fiéis católicos. Mas ele ressalva que, se a igreja não resolver o problema da falta de padres, os evangélicos continuarão ganhando força. "Quem procura uma religião quer ser atendido, recebido. Nesse quesito, o padre está distante do fiel, enquanto o pastor está ali ao lado, independentemente do tipo de credo", observa.

Em recente entrevista ao Correio, dom Geraldo Majella Agnelo chegou a desdenhar a perda de fiéis católicos para outras religiões. "Os fiéis que saíram da nossa igreja não têm informação nem formação religiosa suficiente para ficar conosco. Sem essa adesão de fé, não se conhece o Evangelho e a Cristo Nosso Senhor", disse.

Nas grandes metrópoles, segundo o historiador Eduardo Cavalcanti, da Universidade de São Paulo (USP), a perda de fiéis para outras religiões tem como causa a questão financeira. "A única espórtula da Igreja Católica que é de graça é a missa. O batizado, o casamento e até uma simples citação durante uma cerimônia são cobrados. E não é barato. Tem paróquia que cobra R\$ 50 um batizado e esse dinheiro faz falta no orçamento da classe média. O católico que já paga o dízimo, por exemplo, reclama", comenta o professor. Ele tem dois livros publicados sobre os gastos dos católicos com a sustentação da própria fé.

Uma das estratégias da Igreja Católica para recuperar os fiéis durante a visita do papa é investir na corrente carismática, a ala menos conservadora da instituição. Para atrair o máximo de espectadores, por exemplo, a CNBB escalou os dois padres mais populares do Brasil: Jonas Abib e Padre Marcelo. Eles farão shows no encerramento da vigília no Campo de Marte, na próxima sexta-feira. As apresentações ocorrerão uma hora antes da missa celebrada por Bento XVI. "O novo papa não tem o carisma de João Paulo II. Dificilmente haverá comoção. A presença dos padres populares é uma forma de atrair o maior número possível de fiéis", ressalta o professor Ronaldo Menezes.

#### Visita pode provocar protestos

Outro grande desafio da Igreja Católica no Brasil é superar as polêmicas que dividem a opinião dos fiéis. Para especialistas em religião, o posicionamento da CNBB sobre temas espinhosos como aborto, uso de camisinha, casamento gay e uso de células-tronco deverá ser evitado durante a visita do papa Bento XVI. "Todo mundo já conhece a posição da Igreja. Qualquer discussão com a

presença do papa no Brasil será negativa porque atrairá protestos”, analisa o ex-padre e professor da Universidade Católica de Brasília Evandro Callandrini.

Pelo menos duas entidades feministas estão prontas para protestar contra qualquer manifestação religiosa do papa a respeito do aborto. A Rede Católicas pelo Direito de Decidir recrutou, em São Paulo, 300 feministas para a missa campal que o sumo pontífice fará no Pacaembu nesta quinta-feira. As manifestantes marcarão presença ainda na cerimônia de canonização de Frei Galvão, que ocorrerá no dia seguinte. “A rigor, vamos ouvir o papa como católicas. Mas estamos preparadas para fazer protestos”, avisa a feminista Luciana Mokazel.

Grupos gays de vários estados também preparam manifestações durante a visita do cardeal Joseph Ratzinger. Um dos manifestos prevê até a queima de retratos do papa em praça pública. Em Recife, os protestos começarão amanhã, com um grupo colocando fogo em um boneco do pontífice. Os ânimos entre Igreja Católica e a comunidade GLBT (gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais) ficaram acirrados porque, recentemente, o papa condenou o homossexualismo e criticou o reconhecimento ao direito do casamento entre pessoas do mesmo sexo.

Em março, até o presidente Luiz Inácio Lula da Silva enfrentou a CNBB. Em discurso inflamado sobre a campanha de distribuição de preservativos para adolescentes, Lula defendeu o fim “da hipocrisia” e fez duras críticas ao posicionamento da Igreja sobre sexo. “No próximo Dia Internacional da Mulher, vamos fazer o dia da hipocrisia. Hipocrisia porque muitas vezes deixamos de debater os temas da forma verdadeira, como tem que ser debatido, por puro preconceito”, disse o presidente. Lula tem audiência marcada com Bento XVI.

Para o professor Evandro Callandrini, dificilmente a Igreja Católica mudará de opinião sobre temas polêmicos porque é justamente esse posicionamento firme que mantém como fiéis as pessoas que são contra o aborto e casamento gay. “A convicção da Igreja é uma orientação do Vaticano. Conheço padres que são a favor do aborto em casos de fetos anencefálicos, mas que são obrigados a se calar”, afirma. “Nunca aceitaremos aborto. Diria que até aceitaríamos cirurgias com células tronco, mas só depois de muita discussão. Isso porque acho que a Ciência deve seguir adiante”, diz o presidente da CNBB, dom Geraldo Majella.(UC)